

Nova Andaluzia: o processo de construção e reconstrução da memória e resistência da intelectualidade árabe no Rio de Janeiro.

Marcela Maria Freire Sanches¹

Resumo: Este trabalho discute as relações de construção e reconstrução da memória e as formas de resistências criadoras da intelectualidade árabe – síria e libanesa - no Rio de Janeiro, no período de 1920 a 1950. O grupo reconstruiu sua identidade étnica a partir de um movimento cultural Liga Andaluza, uma revista e o ideal de cidade imaginária Nova Andaluzia, no espaço carioca. Investigamos de como se processou a construção desta memória a partir das lembranças da Andaluzia Pretérita, no período medieval, uma referência a memória simbólica da ascensão cultural árabe - de grandes hibridismos culturais. Verificamos como a identidade do grupo é reconstruída a partir das memórias, dos encontros culturais e os mecanismos de resistência criados no exílio no Brasil.

Palavras Chaves: reconstrução da memória, resistência no exílio e identidade rizomática.

Resumen: This work discusses the relations about construction and reconstruction of the memory and creator ways of resistance of the Arabic intellectuals - Syria and Lebanese - in Rio de Janeiro between 1920 and 1950. The group reconstructed their ethnic identity from a cultural movement called Liga Andaluza, a magazine and the idea of imaginary city Nova Andaluzia, on a carioca spot. We investigated how this memory was constructed from the memories of Anadaluzia Pretérita on the medieval period, a reference to a symbolic memory of the Arabic cultural rise - made it of big cultural hybridisms. We checked how the group identity is reconstructed from the memories, from the cultural meetings and the resistance ways made on exile in Brazil.

Key words: reconstruction of memory, resistance on exile e rhizomatic identity

No primeiro momento discutimos a Memória da Andaluzia Pretérita, na Espanha medieval, em seguida a Memória da Nova Andaluzia, no Brasil século XX - o conceito de identidade rizomática presente no trabalho - e os processos de construção e reconstrução da memória e resistência da intelectualidade árabe.

¹ Mestranda em Memória Social na UNI-RIO e Educadora e Historiadora do Museu da Vida/COC/ FIOCRUZ

1 - Andaluzia Pretérita - A construção de uma memória híbrida

A Andaluzia Pretérita era uma sociedade da tolerância na Espanha medieval do século VIII, na Al Andaluz, era um encontro intercultural, revelando-se uma cultura do encontro e reconstrução. Um fator essencial para a construção desta sociedade, conforme Menocal (2004) foi o preceito islâmico - que ampliou-se garantindo uma determinada liberdade política em comparação aos outros povos-, o *dhimmi*, que significa o Povo do Livro, onde os judeus e cristãos deviam ser protegidos e respeitados.

A sociedade Al Andaluz originou-se do exílio de um herdeiro, Abd al Rahman I, do segmento árabe Omíada, que partiu da terra natal na Síria, para o sul da Espanha, na Andaluzia. Após serem destronados pelos Abassidas em 750, restando apenas Abd I, sobrevivente que se exilou e favoreceu a construção do então Al Andaluz. - permaneceu um estado independente Omíada durante quase 200 anos. No século XI este reinado se subdividiu em reinados menores.

Segundo Glissant (1996) que discute sobre o encontro das culturas, enquanto a produção de uma identidade rizomática² – um fato seria o desejo dos omíadas da reconstrução do presente a partir do passado, das possibilidades do continuar a tradição dos ancestrais, outro fato seria existir condições reais para tal continuação. Glissant declara impossível no encontro das culturas, cada qual permanecer intacta, surgindo à poética relacional, um terceiro elemento, um hibridismo, o encontro dos abassidas com os omíadas, gerou uma outra cultura, a Andaluza da tolerância, do pluralismo e do multiculturalismo.

A queda do Califado Omíada, se estabeleceu pela tomada do poder por outros árabes, teoricamente a queda, significava o fim da cultura andaluza, das tolerâncias, mas esta identidade rizomática, suspensas por hastes, possibilitou a criação de brechas, que se propagou durante séculos - apesar das tiranias dos outros califados.

Os antigos costumes andaluzes eram muito enraizados na cultura espanhola, que não sucumbiu apesar de toda a violência utilizada pela Inquisição da Igreja Católica para tentar consolidar uma suposta pureza racial. Tanto a intervenção da Igreja como do Estado Espanhol se moveram na busca de uma identidade monocromática, buscavam os recursos possíveis para apagar a identidade multifacetada andaluza.

Menocal desenvolve a idéia da “memória do belo” na cultura andaluza, que seria estabelecido a partir das construções arquitetônicas suntuosas, pelos Omíadas. A destruição concreta destes “palácios da memória” por outros povos, seria tentativa de eliminação da

² Identidade rizomática é uma identidade híbrida, aberta a múltiplas culturas com resultados imprevisíveis.

cultura andaluza. Remeto a Borges, ao conto Biblioteca de Babel, quando este revela que as bibliotecas são guardiãs dos livros, de todas as culturas, os livros são vozes polifônicas silenciadas. Quando em um conflito étnico, se destroem os patrimônios culturais, silenciam suas possibilidades de reconexões com outras culturas. A preservação de uma determinada cultura por outra, possibilita o encontro de uma identidade rizomática, e para Menocal um ato de tolerância.

Para refletir sobre os “palácios da memória”, nos remetemos a MENOCAI (2004:64) sobre Abd I: “Havia permanecido em seu exílio, na Andaluzia apesar da tristeza por saber que nunca mais viria a sua terra. Como os outros exilados e imigrantes de todas as gerações e culturas ansiava por recordações do antigo país”. AbdI um sobrevivente, que do luto foi à luta, transformou um lugar isolado e desconsiderado, numa relevante cultura híbrida.

Conforme Hourani(2003) a língua árabe atravessou as fronteiras, devido a importância enquanto uma língua universal entre os comerciantes e viajantes, possibilitava o contato entre os diversos segmentos sociais. A cultura Andaluza produziu uma língua denominada Aljamiada³ - data sua origem no período de dominação árabe na região. Com o passar do tempo, em especial após a criação do Estado Espanhol em 1492, as proibições intensificaram-se e, por fim, embora tenham continuado secretamente, a praticar o aljamiada, os andaluzes perderam o direito de falar a língua dos antepassados. - propiciando o recrudescimento da língua. Definiremos a língua Aljamiada, e os dois gêneros literários Majhar e Ndaha. A primeira definida pelos árabes no período medieval, como uma língua não árabe, estranha e diferente, composta de estrangeirismo de outras línguas, língua produto da cultura Al Andaluz. A literatura Majhar de é uma literatura produzida na imigração, al majhar, significa o lugar para onde se imigra. A Ndaha é a literatura do Renascimento árabe, conforme Slimane(1982), aberta a concepções anti clássicas. Na nova Andaluzia do século XX, perceberemos a constante destes dois gêneros literários que de certa forma se completam.

Conforme Menocal, mesmo quando as circunstâncias políticas e ideológicas encontram-se em conflitos, a vida cultural, germina e “reinventa-se” em espaços, ou melhor, a la Bhabha⁴ ou a Deleuze, nos entre espaços, nas brechas, criados pela tolerância cultural. “E quando se dá o entrelaçamento cultural quem poderá dizer que não existe modo de encontrar soluções para as diferenças?” (MENOCAI 2004:272).

2- Nova Andaluzia – a reconstrução de uma memória subjetiva no exílio.

³ Uma língua produto da mistura do árabe, latim e hebraico. Nos primórdios uma língua da oralidade.

⁴ Para os entre lugares enquanto o confronto dos encontros das culturas heterogêneas, espaço dos hibridismos.

A memória da imigração árabe, em particular a dos intelectuais sírios e libaneses no Rio de Janeiro, no período de 1920 a 1950 neste estudo é conectada com a proposta de uma Nova Andaluzia. O grupo reconstruiu uma suposta identidade étnica a partir de três signos: um *movimento cultural da Liga Andaluza*, uma *Revista* e um *ideal de cidade imaginária, a Nova Andaluzia* no espaço carioca e paulista. Investigamos de como se processou a construção desta memória a partir das lembranças de um espaço, Andaluzia, que originariamente, não era do grupo, mas uma referência de uma memória simbólica da ascensão cultural árabe e de grandes hibridismos culturais do século VIII.

Um pequeno percurso pela historiografia da imigração sírio libanesa. Constatar-se a vinda dos primeiros imigrantes no Brasil antes de 1880. No entanto, sabe-se que em meados do século XX a imigração árabe se processou de forma bastante acentuada devido ao período de conflitos políticos. São Paulo destacou-se como principal centro de absorção dos imigrantes, em seguida o Rio de Janeiro, atraídos principalmente pelas atividades no comércio. A imigração árabe diferenciou-se pelo caráter espontâneo, sem nenhuma participação direta do governo. Sabe-se também que os primeiros imigrantes dessa leva ficaram conhecidos como mascates, procuravam fabricantes de bugigangas e as revendiam. No primeiro momento o imigrante não considerava definitiva sua vinda para o Brasil.

Os mascates libaneses e sírios, em sua maioria, de pouca escolaridade, eram donos de um acervo cultural considerável. Na segunda fase da imigração, os que vieram encontraram os primeiros aqui estabelecidos, os mascates. O perfil dos emigrantes desta segunda fase, eram jovens intelectuais formados pela Universidade de Beirute⁵, para estes, servir o exército na nação de origem era uma ação indigna, uma revolta e a eles restava à imigração como uma peculiar maneira de resistência. A vida do mascate é abandonada por este segmento que tendiam a trabalhar e criar jornais, a fundar grupos associativos, movimentos literários, a função era intelectualizar a comunidade árabe no Brasil - principalmente os filhos da primeira imigração -, tinham a percepção do país como uma terra onde tudo podia ser possível.

Conforme sugere o pesquisador Truzzi(2005) há um considerável conflito dentro da comunidade entre os mascates e a intelectualidade, o primeiro segmento da comunidade, os mascates tornaram-se mecenas dos intelectuais, possibilitando em termos financeiros o surgimento dos jornais. Mas em outros momentos marginalizavam o trabalho dos intelectuais,

⁵ Dirigida por americanos, desempenhou papel importante no Renascimento da cultura árabe, formando quadros intelectuais.

pois estes não eram capazes do próprio enriquecimento. Verificamos a importância destes dois segmentos dentro da comunidade, com funções distintas, mas que se retro alimentavam, do que adiantaria tanto capital financeiro, sem um uso benéfico, em prol da cultura? Apesar do conflito interno percebemos dois segmentos essenciais para a estruturação do perfil desta imigração.

Percebemos que no segundo fluxo imigratório uma alteração ao sentimento de retorno a pátria, já consideravam a possibilidade do Brasil como uma verdadeira pátria, justificando assim os movimentos políticos e culturais. E ainda contribuiu pós à queda da dominação Turca, muitos árabes no Brasil voltaram para os seus países, segundo alguns relatos, o que encontraram foi decepcionante, a desconstrução da representação simbólica da segurança, na pátria de origem - lembrando que na práxis retirou-se à dominação turca e introduziu-se de forma camuflada o mandato francês-. O resultado dessas decepções fez com que o imigrante optasse pela permanência no Brasil. O objetivo era à busca de um lar, a resistência era encontrar um mundo democrático na América.

A Imprensa árabe no Brasil surgiu como mecanismo de resistência, onde as divisões tribais e religiosas eram superadas em prol da causa da independência de seus países de origem. A construção de uma imprensa pela intelectualidade imigrada no exílio, representou os desdobramentos do Renascimento cultural.

2.1-O movimento da Liga Andaluza – resistência criadora da intelectualidade.

Um determinado segmento da intelectualidade árabe criou o movimento da A LIGA ANDALUZA em 1933. Ao todo mais de trinta poetas, se articularam para a criação de um espaço que congregasse intelectuais árabes e descendentes, que dialogassem sobre algumas questões como: a memória do grupo, a literatura do exílio, Mahjar, e também a literatura da Nadha, como instrumentos de resistência política cultural. Ressaltamos a formação deste grupo intelectual, em seus países de origem se estabelece de forma adversa, por meio das instituições educacionais estrangeiras, que propagaram no Oriente idéia de liberdade e democracia, em plena vigência da opressão do Império Turco. A partir das Instituições educacionais que se elaboraram o sentimento nacionalista de revolução, libertação, tanto as questões relativas às políticas invasoras tanto quanto as religiosas. Iniciou-se um movimento de restauração nacional em pleno século vinte, a partir da literatura que se produzia no exílio, como a da revista. No primeiro momento a revista era editada no Rio de Janeiro e depois São Paulo. O perfil da revista no primeiro momento: era atenta às questões políticas e econômicas

com seus países de origem. Era escrita somente em árabe até 1937, quando o Governo Vargas proibiu publicações que fossem apenas em línguas estrangeiras. Desse período em diante passou a ter publicação bilíngüe português e árabe. Na década de cinquenta a segunda geração de intelectuais se despolitiza, se desilude como os governos árabes do Oriente Médio, a revista passa a ter um caráter de informativo sobre a vida social das comunidades árabes no Mundo. Em 1953 a revista fecha.

No contato com a fonte primária, com a revista, após inúmeras buscas encontrei exemplares da Revista, em péssimo estado de preservação, no acervo da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. Uma outra descoberta para a pesquisa, foi a desconstrução da idéia que Zeghidour oferece em sua obra, onde a revista era bilíngüe, após a intervenção Vargasista. Em momentos deparei com uma revista escrita na maioria em árabe. Indaguei-me quais foram os mecanismos que utilizaram para burlar a medida política, publicar em tal modo majoritariamente em árabe? Dentre as várias imagens observadas, selecionamos uma que se remete ao hemisfério da América do Sul em interseção com o hemisfério do Oriente Médio. Nesta imagem percebemos uma conexão entre as duas culturas, seria uma imagem de um encontro de identidades rizomáticas?

Dentre os vários artigos da revista observados durante a pesquisa, discutiremos um referente à relevância imprensa árabe no Brasil:

“No Mundo Moderno, há um só oráculo: o jornalismo. É no Jornal que se despontam as ambições e às vezes as violências do poder, para a construção de um ideário libertador, por uma crença de justiça contra as opressões das dominações coloniais. Aqui se forma a opinião pública. Assim não é a Imprensa apenas um espelho refletor da opinião pública, não é o povo que faz o jornal, e sim o jornal que faz o povo. As responsabilidades da Imprensa que podem orientar como desorientar uma nação”

Este artigo, “Os vinte e cinco soldados de Guttemberg”, escrito por Fernando de Azeredo, em 1941. Salienta a importância da Imprensa, para pensar esta questão, remeto-me a Giddens(2002), onde a modernidade é inseparável de sua mídia e a imprensa é vista com uma das principais responsáveis pela criação do Estado moderno. O poder do meio de comunicação para a transmissão dos valores democráticos, torna-se ainda maior quando tratamos de uma mídia, que incentivou arduamente no exílio, as políticas de emancipação dos seus estados nações de origem, que jamais encontrariam em seu solo, espaço para abordar a democracia.

Considerações sobre a Nova Andaluzia e seus desdobramentos.

Dentre várias questões, a priori buscamos comprovar o Movimento literário cultural da Liga Andaluza foi realmente importante para a memória social e suposta reconstrução identitária dos imigrantes árabes. Uma vez que se reportavam as memórias⁶ das experiências vivida na Andaluzia e reviviam a nostalgia dos países origens dominadas. Reinventaram uma pretensa identidade, uma experiência distinta seja por estar em um solo ocidental seja pelo espaço brasileiro impregnado por valores Modernistas. Reviver a experiência da Andaluzia seria respirar o encontro do oriente com o ocidente, das transformações culturais, interstícios culturais cristãos, judeus e árabes. O Rio de Janeiro seria o espaço de transmutação das confluências culturais, uma cidade aberta a diálogos, a trocas culturais.

A maior parte dos imigrantes árabes do segmento intelectual veio para o Brasil mais por motivos políticos. Eram homens, perseguidos devido ao seu comprometimento com as questões relacionadas ao Nahda. É em meio às variadas correntes intelectuais que pensam esse renascimento cultural árabe, Zeghidour(1982) enfatiza:

"Não há estranhamento entre estas duas poesias, até porque a poesia árabe também está afinada com as correntes literárias do século XX. E a literatura brasileira tem influência árabe. Seja pela influência moura na Península Ibérica, e hoje pelos imigrantes que produzem literatura brasileira, mas que olham para o mundo árabe".

Enquanto o modernista Oswald de Andrade empunhava a bandeira antropofágica defendendo o nacional, o original e a deglutição da cultura estrangeira. Os poetas árabes no Brasil se inquietavam com questões sobre sua própria identidade queriam empreender a realização do sonho do renascimento de sua cultura, ainda que no exílio. A revista Liga Andaluza, recebeu forte influência do Modernismo brasileiro, dando início a uma poesia de inovações radicais, -rompendo com o tradicionalismo da literatura árabe- apresentando e resgatando referências culturais pré-islâmicas incorporando elementos do meio ambiente e da cultura brasileira.

Para Said (2003), o exilado não é uma dádiva. Não há possibilidades de escolhas, ou torna-se exilado ou se nasce exilado. Uma alternativa diante as Instituições de massas, como os Estados autoritários que não respeitam as minorias étnicas, ou oposições políticas, que

⁶ As memórias da Andaluzia se elaboraram a partir das lembranças, dos remotos antepassados que um dia viveu no famoso Império Al Andaluz. Interessante observar que se remetem, os sírios e libaneses imigrados no Brasil, a memórias jamais vividas, mas memórias criadas e subjetivas.

dizima grupos diferentes. Para o Orientalista Said (2003) o exilado “é um ser descontínuo separados das raízes”, do passado, buscam seus pares com suas lembranças. A necessidade do exilado de reconstrução da identidade a partir dos fragmentos, materiais e imateriais como sentimentos de dor pela perda de sua terra. Said complementa esta idéia com a afirmativa: “As realizações do exílio são marcadas pela perda de algo deixado para trás”. Ainda que sejam construídas novas comunidades, jornais, clubes associativos, serão apenas medidas reparadoras diante da angústia e a nostalgia de viver no exílio.

Uma das questões centrais na discussão sobre o Renascimento era como preservar a autenticidade a língua árabe adaptando-a, ao mesmo tempo, aos imperativos do mundo moderno. Este questionamento levava aos temas: dos hibridismos culturais entre Oriente e Ocidente através da história, dos embates entre religião e ciência, da definição da essência do arabismo na tensão entre passado originário e perspectivas de futuro. Compreender por que a experiência deste grupo literário no Brasil foi marcante para o modernismo da poesia árabe. Os motivos para isso seriam, indagamos a identificação de coincidências com a experiência árabe na Espanha, ao referir-se o Brasil como a Nova Andaluzia, a uma cidade imaginária, os poetas do movimento da Liga traduziam a riqueza e a importância da "escola brasileira" no nascimento da poesia árabe moderna.

A relevância deste trabalho é pesquisar uma especificidade dentro da história da imigração síria e libanesa no Brasil, que contorna a memória dos intelectuais da Liga Andaluza. Dentro da historiografia consultada configuram-se estudos quase que particulares sobre a imigração na cidade de São Paulo, tendo escassos apontamentos sobre a experiência da imigração no Rio de Janeiro. Esta pesquisa apresenta-se com uma interface multidisciplinar, com uma discussão que atravessa os campos da História e dialoga com a Memória Social, Sociologia, Antropologia e Literatura. A peculiaridade vem do processo de reconstruírem uma suposta identidade, considerando que necessitam retirar-se do país de origem, para reconstruir suas memórias, mediante o mecanismo da literatura onde expressaram diálogos entre o nacionalismo árabe e o modernismo brasileiro.

Lembramos também que a criação do Movimento Cultural da Liga Andaluza nos deixa alguns vestígios se tentarem reviver ou não à experiência realizada há séculos atrás na Andaluzia européia. E ainda a questão da criação de uma cidade imaginária a Nova Andaluzia pelo segmento imigratório, tecendo uma grande curiosidade, de quais foram os mecanismos que os levaram a elaborar uma cidade no imaginário.

Referencias Bibliográfica

- ANDRADE, Oswald. A utopia antropofágica. Rio de Janeiro: editora Globo, 1989.
- BHABA, Homi. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- BORGES, Jorge. Ficções. Rio de Janeiro: editora Globo, 1972
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. Vol.1. São Paulo: Editora 34, 2004.
- GIDDENS, Anthony. Modernidade e Identidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2002
- GLISSANT, Édouard. Uma Introdução a uma poética da diversidade. Juiz de Fora: editora UFJF, 2005.
- GONDAR, JO. O que é memória social? Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.
- HOURANI, Albert. Uma história dos povos árabes. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- MENOCAL, Maria Rosa. O ornamento do Mundo. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- ROLLEMBERG, Denise. Memórias no exílio, memórias do exílio In: Revolução e Democracia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. E outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SANCHES, Marcela M.F. Da escrita de Scholem Aleichem, a cidade imaginária Kasrilevke: reconstrução étnica dos judeus progressistas. Monografia do Curso de História. FFCH. UERJ, 2005.
- SLEIMAN, Michel. A poesia árabe andaluza: Ibn Quzman de Córdoba. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2000.
- ZEGHIDOUR, Slimane. A poesia moderna árabe e o Brasil. São Paulo: brasiliense, 1982.
- TRUZZI, Oswaldo. Sírios e Libaneses: narrativas de história e cultura. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.